

UM CORVO NUNCA MAIS

Rui Torres

Professor Associado
CECLICO, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal
rtorres@ufp.edu.pt

RESUMO

Apresentação do trabalho interactivo *Um corvo nunca mais*, no qual procedimentos combinatórios, generativos e multimediáticos são aplicados com o objectivo de criar variações orientadas pela leitura do utilizador.

PALAVRAS-CHAVE

Tradução generativa; Fernando Pessoa & Edgar A. Poe, O Corvo; Ciberliteratura; Poesia combinatória

ABSTRACT

Presentation of the interactive work *Um corvo nunca mais*, in which certain combinatory, generative and multimedia processes are used in order to allow the reader to create multiple variations of the original text.

KEYWORDS

Generative translation; Fernando Pessoa & Edgar A. Poe, The Raven; Cyberliterature; Combinatory poetry

INTRODUÇÃO

*Um corvo nunca mais*¹ é uma investigação criativa na área da ciberliteratura. Polifonia de elementos variados (e variáveis) sujeitos a uma encenação não-linear, no centro do seu palco está um texto combinatório programado com a ferramenta digital *Poemário* e que usa como ponto de partida a tradução de Fernando Pessoa do poema “The Raven,” de Edgar A. Poe. As inúmeras versões virtualmente disponíveis nestes textos-programa habitam um espaço simulado e navegável no qual a leitura pretende ser simultaneamente imersiva e interactiva. Texto, som e imagem, fragmentados e gerados a partir do código que as reconfigura, constituem o mobiliário desse espaço - onde os materiais operáticos viajam e se projectam em dimensões várias.

Este artigo tem como objectivo apresentar esse trabalho, não propondo qualquer reflexão teórica,² mas antes e apenas tentando tornar inteligível o complexo processo de criação envolvido neste tipo de obras.

POEMÁRIO – UMA MÁQUINA DE PROGRAMAÇÃO TEXTUAL

O *Poemário*³ é uma ferramenta de programação textual que teve como motivação principal a obra inspiradora de Pedro Barbosa, desde os programas *Texal* e *Permuta*⁴ até ao *Sintext*⁵, devendo igual reverência ao conhecimento das obras de poetas tão variados quanto Raymond Queneau, Nanni Balestrini, E. M. de Melo e Castro e Herberto Helder. Trata-se de uma aplicação programada em linguagem Actionscript 3.0 que permite ao seu utilizador construir textos (poemas, narrativas, cartas, etc.) segu(i)ndo procedimentos combinatórios.

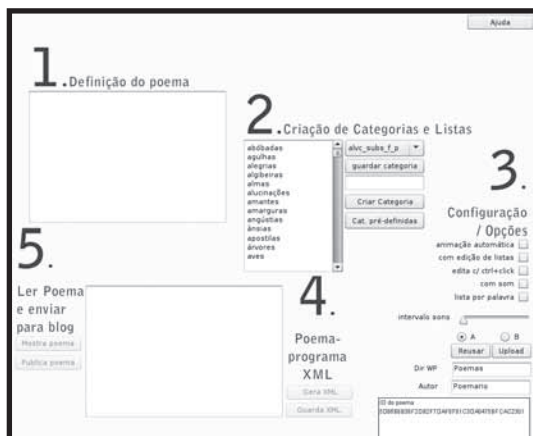
1 Disponível em <<http://telepoesis.net/pessoa/menu.html>>. Concepção, desenho e programação textual e do ambiente de Rui Torres, com texturas sonoras de Luís Aly, imagens 3D de Luís Carlos Petry, vídeo de Ana Carvalho e voz/declamação de Nuno M. Cardoso. As duas versões disponíveis - versão horizontal e versão vertical - oferecem aos leitores a possibilidade de navegar entre distintas tipologias de página: em modo panorama, no primeiro caso; ou em modo códice, no segundo. Os recursos utilizados na construção desta obra incluem, além do software *Poemário*, o Flash Panorama Player, Perl, XML e WordPress. Para ler e interagir com este trabalho, torna-se necessário ter um navegador com ligação à Internet com o plugin Flash Player 9+ instalado e JavaScript activo. Realizado a convite do Núcleo de Estudos do Modernismo em Língua Portuguesa da Universidade Fernando Pessoa, Porto.

2 Para entender a tradução de Pessoa/Poe, v. texto de Manuel Portela publicado nesta Revista. Para entender os procedimentos combinatórios e generativos da ciberliteratura, v. obra de Pedro Barbosa *A ciberliteratura. Criação literária e computador* (Lisboa: Cosmos, 1996) e outros artigos do mesmo autor disponíveis em <<http://www.pedrobarbosa.net>>.

3 Disponível em <<http://www.telepoesis.net/galeria-poemas/pplayer.php>>. Concepção de Rui Torres, programação de Nuno F. Ferreira.

4 Apresentados nas obras de Pedro Barbosa *A literatura cibernética 1. Autopoemas gerados por computador* (Porto: Árvore, 1977) e *A literatura cibernética 2. Um sintetizador de narrativas* (Porto: Árvore, 1980).

5 v. Pedro Barbosa e Abílio Cavalheiro, *Teoria do homem sentado* (Porto: Edições Afrontamento, 1996) e Pedro Barbosa e José M. Torres, *O motor textual* (Porto: Edições UFP, 2001), também disponível em <<http://cetic.ufp.pt/sintext.htm>>.



O utilizador pode escrever o seu texto, indicar que palavras ou fragmentos de texto pretende que o programa substitua, criando para isso listas de palavras ou frases (categorias) que possam ser utilizadas na combinatória. O utilizador, desse modo tornado autor/programador, pode ainda configurar algumas opções de funcionamento do programa, que aqui se resumem:

- *Animação automática*: Se esta opção for seleccionada, o poema anima as palavras programadas de um modo automático e aleatório (sem interacção do leitor, como é o caso da versão horizontal/panorama⁶ de *Um corvo nunca mais*). Se o pretendido for uma interacção do leitor (isto é, que o leitor tenha que clicar nas palavras para processar a combinatória respectiva, como no caso da versão vertical/códice⁷ de *Um corvo nunca mais*), basta não activar esta opção.
- *Com edição de lista*: Se esta opção for activada pelo autor, o leitor do poema terá acesso às listas de palavras programadas, podendo desse modo invocá-las e alterá-las, bastando para isso, em modo de leitura, clicar na(s) respectiva(s) palavra(s) com o botão Control (Ctrl) pressionado.
- *Som*: Permite utilizar som de um modo combinatório e aleatório. Se esta opção for seleccionada, a leitura será acompanhada de uma banda sonora gerada com base num procedimento combinatório, tornando-se para isso necessário configurar as listas de som, que por defeito aceitam vozes e texturas sonoras.
- *Dir-WordPress*: Permite escolher ou criar um directório próprio no Blog Poemário,⁸ onde são arquivadas as versões dos vários leitores desta obra.

⁶ Disponível em <<http://www.telepoesis.net/pessoa/navigation.html>>.

⁷ Disponível em <<http://www.telepoesis.net/pessoa/flash/poemario/index.html>>.

⁸ Disponível em <<http://www.telepoesis.net/poemario>>.

O texto de *Um corvo nunca mais* foi programado tendo em consideração estas possibilidades do software.⁹ Veremos a seguir de que modo essa programação textual se efectuou.

UM CORVO NUNCA MAIS

As 18 sextilhas com refrão de "O Corvo" foram portanto programadas de forma a permitir ao leitor alterar, em tempo de execução e através de uma combinatória baseada em procedimentos aleatórios, as várias categorias (ou, se preferirmos, os paradigmas) que alimentam a sintaxe original do texto de Pessoa (e de Poe, portanto de "Poessoa," como refere Manuel Portela).

O léxico que anima essas categorias foi seleccionado a partir da obra completa de Fernando Pessoa¹⁰. No futuro, será possível programar o texto de forma a ter em consideração os diferentes léxicos dos vários heterónimos de Pessoa. Assim, por exemplo, será possível criar versões de traduções de "O Corvo" usando apenas o léxico de Álvaro de Campos, ou o de Alberto Caeiro, Ricardo Reis, etc.

O som é também gerado, dinamica e aleatoriamente, a partir de bases de dados previamente gravadas, com declamações de fragmentos da tradução de "O Corvo," de Fernando Pessoa, a que se juntam texturas sonoras e ambientes musicais variados. A cada nova leitura deste trabalho, portanto, temos como ponto de partida uma configuração textual completamente nova/distinta da anterior, tanto ao nível verbal quanto em relação à banda sonora gerada para acompanhar a navegação. Daí o título escolhido, jogando com o refrão do poema: um corvo que, a cada início, nunca é o mesmo, isto é, um corvo nunca mais.

A enorme quantidade de execuções textuais possíveis motivou a utilização de uma das possibilidades abertas pelo *Poemário*: a possibilidade de gravação das versões criadas pelos leitores. Assim, além de alterar a combinatória do poema, o leitor pode ainda guardar as suas versões/leituras no weblog disponível na Internet, que representa uma espécie de comunidade de leitores.

Resumindo, em termos de recepção, o leitor tem a possibilidade de ler, ouvir e combinar os fragmentos textuais; depois, pode interagir, descobrir e percorrer o espaço navegável em que se encontra; por fim, pode contribuir e partilhar as suas versões da tradução combinatória, guardando-as no weblog referido.

⁹ Para conhecer outras obras concebidas dentro desta lógica combinatória que usam o software *Poemário*, veja: *Amor de Clarice 2.0 – versão combinatória* (textos de Rui Torres e Clarice Lispector, léxico de Clarice Lispector), disponível em <http://www.telepoesis.net/amorclarice/v2/amor_index.html>; *8 brincadeiras para Salette Tavares* (selecção de textos por Rui Torres a partir de versos e com léxico de Salette Tavares), disponível em <<http://telepoesis.net/brincadeiras>>; *Do peso e da leveza* (textos de Rui Torres a partir de poesia e léxico de Sophia Andresen e Fernando Pessoa), disponível em <<http://telepoesis.net/dopesoedaleveza/index2.html>>; *Húmus Poema Contínuo* (textos de Herberto Helder a partir de Raul Brandão, léxico de Raul Brandão), disponível em <http://www.telepoesis.net/humus/humus_index.html>.

¹⁰ Disponível em <<http://arquivopessoa.net/>>. Este Arquivo Pessoa é uma actualização do CD-ROM *MultiPessoa-labirinto multimedia*, coordenado por Leonor Areal e co-editado em 1997 pela Texto Editora e a Casa Fernando Pessoa. O site teve Edição Obra Aberta CRL (2008) e contou com apoios do Instituto de Estudos sobre o Modernismo (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, UNL, Lisboa) e Assírio&Alvim, entre outros.

A título de exemplo, lembre-se a primeira sextilha do poema de Pessoa/Poe:

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,
Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,
E já quase adormecia, ouvi o que parecia
O som de alguém que batia levemente a meus umbrais
«Uma visita», eu me disse, «está batendo a meus umbrais.
É só isso e nada mais.»

comparando-a agora com as formulações do *Poemário*. Por exemplo:

Numa trovoada árida, quando eu abria, fraco e curvo,
Mansos, duvidosos factos de histórias casuais,
E já quase tremia, gerei o que zumbia
O bafo de alguém que morria vagamente a meus vitrais.
«Uma bruma», eu me neguei, «está ecoando a meus pinheirais».
Noite, noite e nada mais.

Ou ainda:

Numa insónia maldita, quando eu via, curvo e duplo,
Sujos, ilegíveis versos de ânsias mentais,
E já quase morria, ouvi o que vestia
O fim de alguém que resistia delicadamente a meus vitrais.
«Uma música», eu me supus, «está entrando a meus currais».
Disse-me O Corvo, «Nunca mais».

Para a geração deste texto, que é um entre múltiplos possíveis, está implícita toda uma programação que não cabe num artigo desta natureza, pelo que nos limitaremos a explicar parte da programação do segundo verso do poema, aquele que diz “Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,” salientando a negrito os exemplos que serão apresentados. A esse verso corresponde o seguinte código:

```
<texto verso="Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,"
ordem="1, 2, 3, 5, 6"
taxon="adjs_m_p_1, adjs_m_p_2, subs_m_p_1, subs_f_p, adjs_f_p"
</texto>
```

Isto significa que a palavra “tomos,” na posição 3 (relativa à frase), será animada pela categoria “subs_m_p1,” a qual será declarada pelo autor.

Para as categorias, usa-se naturalmente uma sintaxe apropriada (neste caso, <adjs_f_p><frase>[léxico a usar]</frase></adjs_f_p>). Uma vez que o objectivo desta breve apresentação é esclarecer o modo como foi concebido “Um corvo nunca mais,” e não o software *Poemário*, simplificaremos, explicando apenas que estas listas de léxico ou de lexias se apresentam como enumerações, dentro de uma lógica de bases de dados. Por isso, neste caso, a palavra “tomos” será substituída, no momento de animação ou interacção, por uma das seguintes: “ares,” “baús,” “ecos,” “rios,” “sons,” “vãos,” “anjos,” “arcos,” “atlas,” “casos,” “dados,” “erros,” “factos,” “hinos,” “jogos,” “nexos,” “nomes,” “risos,” “ritos,” “astros,” “cursos,” “cofes,” “contos,” “crimes,”

"cultos," "dramas," "fardos," "fluxos," "gestos," "golpes," "gritos," "lapsos," "livros," "mantos," "poemas," "poetas," "raptos," "rastos," "restos," "ritmos," "sonhos," "tomos," "trapos," "traços," "tropos," "versos," "vultos," "mestres," "rumores," "sonetos," "delírios," "esquemas," "objectos".

No caso da palavra "ancestrais", na posição 6, ela será substituída por elementos da lista <adjs_f_p>, como sejam, neste caso: "fatais," "finais," "ideais," "iguais," "vitais," "astrais," "carnais," "casuais," "infieis," "irreais," "juvenis," "mentais," "mortais," "normais," "plurais," "sexuais," "sociais," "vernais," "audíveis," "difíceis," "estivais," "estéreis," "imortais," "liberais," "matinais," "musicais," "naturais," "notáveis," "outonais," "parciais," "pessoais," "pontuais," "visíveis".

Em baixo, evidenciam-se os contrastes entre as diferentes traduções: a de Pessoa, à esquerda; e uma, entre várias possíveis, gerada pelo Poemário a partir da nossa acção-leitura:

"O Corvo", de Edgar A. Poe, traduzido por Fernando Pessoa	<i>Um corvo nunca mais, uma entre milhares de milhões de versões possíveis, a partir de léxico de Fernando Pessoa</i>
I. Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste, Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais, E já quase adormecia, ouvi o que parecia O som de alguém que batia levemente a meus umbrais «Uma visita», eu me disse, «está batendo a meus umbrais. É só isso e nada mais.»	I. Numa melancolia difusa, quando eu via, mudo e culto, Ternos, numerosos fluxos de vozes matinais, E já quase desaparecia, fitei o que trazia O fim de alguém que ascendia indolentemente a meus varais. «Uma teoria», eu me supus, «está abalando a meus umbrais». Mas sem nome aqui jamais!
II. Ah, que bem disso me lembro! Era no frio Dezembro, E o fogo, morrendo negro, urdia sombras desiguais. Como eu qu'ria a madrugada, toda a noite aos livros dada P'ra esquecer (em vão) a amada, hoje entre hostes celestiais ? Essa cujo nome sabem as hostes celestiais, Mas sem nome aqui jamais!	II. Ah, que bem disso me arrependo! Era no firme Novembro, E o sol, crescendo lasso, sorvia vozes mortais. Como eu fruía a beirâmagoa, toda a vida aos vícios sonhada P'ra chamar (em vão!) a psique, hoje entre ruínas outonais - Essa cujo fim sabem as hostes transcendentais, Com o nome «Nunca mais».
III. Como, a tremer frio e frouxo, cada reposteiro roxo Me incutia, urdia estranhos terrores nunca antes tais! Mas, a mim mesmo infundindo força, eu ia repetindo, «É uma visita pedindo entrada aqui em meus umbrais; Uma visita tardia pede entrada em meus umbrais. É só isso e nada mais.»	III. Como, a dormir livre e escasso, cada livro brusco Me esclarecia, sofria confusos tumultos nunca antes tais! Mas, a mim mesmo fingindo dor, eu ia gritando, «É uma teoria procurando minh'alma aqui em meus degraus; Uma ilusão fingida pede metafísica em meus cais.» É só isso e nada mais.
IV. E, mais forte num instante, já nem tardo ou hesitante, «Senhor», eu disse, «ou senhora, decerto me desculpais; Mas eu ia adormecendo, quando viestes batendo, Tão levemente batendo, batendo por meus umbrais, Que mal ouvi...» E abri largos, franquendo-os, meus umbrais. Noite, noite e nada mais.	IV. E, mais breve num instante, já nem firme ou tolerante, «Princesa», eu clamei, «ou mágoa, decerto me acordais; Mas eu ia sonhando, quando viestes entrando, Tão tranquilamente avançando, trespassando por meus canais, Que mal fingi...» E abri frágeis, chorando-os, meus sinais. Mas sem nome aqui jamais!
V. A treva enorme fitando, fiquei perdido receando, Dúbio e tais sonhos sonhando que os ninguém sonhou iguais. Mas a noite era infinita, a paz profunda e maldita, E a única palavra dita foi um nome cheio de ais? Eu o disse, o nome /dela/, e o eco disse aos meus ais. Isto só e nada mais.	V. A culpa escura devorando, fiquei confuso gritando, Pávido e tais ares criando que os ninguém gerou iguais. Mas a fé era suspeita, a dor escura e liberta, E a única mentira dita foi um sonho farto de quintais - Eu o transformei, o medo dela, e o rumor rugiu aos meus pinheirais. Com aquele «Nunca mais».
VI. Para dentro estão volvendo, toda a alma em mim ardendo, Não tardou que ouvisse novo som batendo mais e mais. «Por certo», disse eu, «aquela bulha é na minha janela. Vamos ver o que está nela, e o que são estes sinais.» Meu coração se distraía pesquisando estes sinais. «É o vento, e nada mais.»	VI. Para cima estão passando, toda a crença em mim queimando, Não tardou que nascesse novo grito remexendo mais e mais. «Por certo», ouvi eu, «aquela melodia é na minha rima, Vamos ver o que está nela, e o que são estes sinais.» Meu pensamento se enjoava exigindo estes rituais. Noite, noite e nada mais.
VII. Abri então a vidraça, e eis que, com muita neçaça, Entrou grave e nobre um corvo dos bons tempos ancestrais. Não fez nenhum cumprimento, não parou nem um momento, Mas com ar solene e lento pousou sobre meus umbrais, Num alvo busto de Atena que há por sobre meus umbrais. Foi, pousou, e nada mais.	VII. Temi então a infância, e eis que, com muita neçaça, Pulsou voraz e vago um espírito dos fatais risos outonais. Não teceu nenhum tumulto, não citou nem um sofrimento, Mas com riso vasto e trato chorou sobre os meus vitrais, Num falso dente de Hera que há por sobre meus varais. Foi, pousou, e nada mais.

<p>VIII. E esta ave estranha e escura fez sorrir minha amargura Com o solene decoro de seus ares rituais. «Tens o aspecto tosquiado», disse eu, «mas de nobre e ousado, Ó velhO Corvo emigrado lá das trevas infernais! Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais.» Disse-me O Corvo, «Nunca mais».</p>	<p>VIII. E esta mágoa quieta e clara fez voltar minha literatura Com o apolíneo mistério de seus cantos parciais. «Tens o ódio calado, disse eu, «mas de solto e desejado, Ó bom rumor atroz lá das trevas originais! Dize-me qual o teu destino lá nas florestas essenciais.» É só isso e nada mais.</p>
<p>IX. Pasmei de ouvir este raro pássaro falar tão claro, Inda que pouco sentido tivessem palavras tais. Mas deve ser concedido que ninguém terá havido Que uma ave tenha tido pousada nos seus umbrais, Ave ou bicho sobre o busto que há por sobre seus umbrais, Com o nome «Nunca mais».</p>	<p>IX. Sofri de crêr este duplo silêncio mentir tão calmo, Inda que tanto orgulho tivessem tristezas tais. Mas deve ser compreendido que ninguém terá havido Que uma frase tenha tido agarrada nos seus cais, Musa ou tumulto sobre o candeeiro que há por sobre seus currais, Libertar-se-á... nunca mais!</p>
<p>X. Mas O Corvo, sobre o busto, nada mais dissera, agosto, Que essa frase, qual se nela a alma lhe ficasse em ais. Nem mais voz nem movimento fez, e eu, em meu pensamento Perdido, murmurei lento, «Amigo, sonhos - mortais Todos? todos lá se foram. Amanhã também te vais.» Disse O Corvo, «Nunca mais».</p>	<p>X. Mas o vento, sobre o canto, nada mais dissera, difuso, Que essa musa, qual se nela a glosa lhe ficasse em sinais. Nem mais som nem silêncio brotou, e eu, em meu desespero Curvado, insisti aflito, «Criatura, nomes - subitís Todos - todos lá se foram. Amanhã também te vais.» Com aquele «Nunca mais».</p>
<p>XI. A alma súbito movida por frase tão bem cabida, «Por certo», disse eu, «são estas vozes usuais. Aprendeus-as de algum dono, que a desgraça e o abandono Seguiram até que o entono da alma se quebrou em ais, E o bordão de desesp'rança de seu canto cheio de ais Era este «Nunca mais».</p>	<p>XI. A musa súbito comovida por ficção tão bem fadada, «Por certo», temi eu, «são estas línguas imateriais, Soube-as de algum génio, que a frescura e o silêncio Amaram até que o desespero da razão se perdeu em editais, E o canto de tristeza de seu ar cheio de sinais.» Disse-me O Corvo, «Nunca mais».</p>
<p>XII. Mas, fazendo inda a ave escura sorrir a minha amargura, Sentei-me defronte dela, do alvo busto e meus umbrais; E, enterrado na cadeira, pensei de muita maneira Que qu'ria esta ave agoureira dos maus tempos ancestrais, Esta ave negra e agoureira dos maus tempos ancestrais, Com aquele «Nunca mais».</p>	<p>XII. Mas, sabendo inda a alma inerte crescer a minha clausura, Levantei-me defronte dela, do vago riso e meus umbrais; E, alheado na certeza, sofri de muita maneira Que saberia esta here caçada dos falsos tempos imortais, Esta luz solene e silente dos frios lugares fatais, É só isso e nada mais.</p>
<p>XIII. Comigo isto discorrendo, mas nem sílaba dizendo À ave que na minha alma cravava os olhos fatais, Isto e mais ia cismando, a cabeça reclinando No veludo onde a luz punha vagas sombras desiguais, Naquele veludo onde /ela/, entre as sombras desiguais, Reclinar-se-á nunca mais!</p>	<p>XIII. Comigo isto cismando, mas nem glosa escutando À dor que na minha voz exortava os sonhos plurais, Isto e mais ia remexendo, a garganta exigindo No canto onde a voz erguia firmes teias pontuais, Naquele lixo onde ela, entre as ilusões espirituais, Libertar-se-á... nunca mais!</p>
<p>XIV. Fez-me então o ar mais denso, como cheio dum incenso Que anjos dessem, cujos leves passos soam musicais. «Maldito!», a mim disse, «deu-te Deus, por anjos concedeu-te O esquecimento; valeu-te. Toma-o, esquece, com teus ais, O nome da que não esqueces, e que faz esses teus ais!» Disse O Corvo, «Nunca mais».</p>	<p>XIV. Mexeu-se então o fim mais manso, como cingido dum incenso Que reinos dessem, cujos vagos crimes soam irreais. «Injusto!» a mim repeti, «deu-te Deus, por entes consumiu-te O gesto; traiu-te. Aguenta-o, salta, com teus sinais, O grito da que não esqueces, e que faz esses teus umbrais!» Mas sem nome aqui jamais!</p>
<p>XV. «Profeta», disse eu, «profeta - ou demónio ou ave preta!» Fosse diabo ou tempestade quem te trouxe a meus umbrais A este luto e este degredo, a esta noite e este segredo, A esta casa de ânsia e medo, diz a esta alma a quem atraís Se há um bálsamo longinquo para esta alma a quem atraís! Disse O Corvo, «Nunca mais».</p>	<p>XV. «Velho», disse eu, «homem - ou bicho ou glosa rara! Fosse bicho ou alucinação quem te expôs a meus cais, A este canto e este medo, a esta alucinação e este degredo, A esta selva de dor e segredo, diz a esta sombra a quem gritais Se há um rumor difuso para esta ânsia a quem acusais! Com aquele «Nunca mais».</p>
<p>XVI. «Profeta», disse eu, «profeta ? ou demónio ou ave preta! Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mortais, Dize a esta alma entristecida se no Éden de outra vida Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais, Essa cujo nome sabem as hostes celestiais!» Disse O Corvo, «Nunca mais».</p>	<p>XVI. «Bicho», cismeí eu, «cadáver - ou luar ou glosa seca! Pelo pó ante quem ambos somos fracos e finais, Dize a esta carne transida se no bolor de outra obra Verá essa hoje adocida entre terras espaciais, Essa cujo destino sabem as sombras astrais!» É só isso e nada mais.</p>
<p>XVII. «Que esse grito nos aparte, ave ou diabo!, eu disse. «Parte! Torna à noite e à tempestade! Torna às trevas infernais! Não deixes pena que ateste a mentira que disseste! Minha solidão me reste! Tira-te de meus umbrais!» Disse O Corvo, «Nunca mais».</p>	<p>XVII. «Que esse corpo nos agite, luz ou rumor!», eu repeti. «Escuta! Ascende à mente e à literatura! Torna às mentiras irreais! Não deixes pena que negue a certeza que disseste! Minha música me ouça! Tira-te de meus sinais!» Com o nome «Nunca mais».</p>

Entre essas animações, destaque para um conjunto de palavras que palpitam à volta dos respectivos sextetos a que pertencem. A título de exemplo, o vocabulário seleccionado para a sextilha II: “frio dezembro fogo morrendo negro urdia sombras desiguais nome hostes celestiais”; para a sextilha V: “treva fitando receando sonhos sonhando infinita paz profunda maldita nome ais”; e para a sextilha VIII: “ave estranha escura sorrir amargura solene decoro areis rituais nobre ousado velhO Corvo emigrado trevas infernais”.

Um corvo nunca mais pretende ser uma experiência que testa os limites de várias linguagens, suas possibilidades de interacção e relação. Inscrita no âmbito da ciberliteratura, a variedade de elementos generativos que apresenta tem por objectivo entregar o agenciamento da produção de sentido ao leitor. Espaço simulado de leitura interactiva, este trabalho apela à reflexão do leitor acerca do mundo em que se conhece: vertigem de imagens reticulares em permanente on/off, mundo-ópera de fragmentos verbovocovisuais presentes/ausentes, vida de escritas intermediadas pelo código e sua representação numérica de 0/1s. É só isso e nada mais. É só isso e tudo mais. É só tudo e nada mais. É só tudo e tudo mais.